

João Décio

Novamente o autor de *Nítido Nulo*, no campo do romance, agora com este *Rápida, a Sombra*. Na verdade, depois daquele romance, não se poderia adivinhar que caminho tomaria a ficção de V. F., tal o emparedamento em que se colocava o protagonista, seja no plano psicológico seja no físico.

Mas agora ele volta, com uma obra em que novamente a vida retorna ao ritmo normal, sem que o autor renuncie a pensar, através e dentro de sua ficção. Colocando-se novamente no mundo romanesco com um narrador-protagonista em primeira pessoa, no envolvimento com sua mulher, Helena, sua filha, Emilinha, o genro Túlio, e Hélia, uma jovem nova e atraente, que vem a romper o equilíbrio de sua estabilidade. Assim se constrói a obra ao nível do enredo. Há contudo, um outro nível, o do pensar sobre a situação pequeno-burguesa em que se debate, Júlio Neves, personagem principal do romance. Assim, novamente o romance ao nível do enredo mas também ao nível do ensaio, reaparece em V. F.

A personagem protagonista, é um homem maduro, com problemas de ordem familiar, pequena-burguesa e outros de ordem existencial. A rotina da vida com a esposa, Helena, é rompida inesperadamente por Hélia, jovem cheia de vida e professora particular de Milinha, que aparece na vida do protagonista no momento que se tornava problemática, senão impossível a viragem, dada a solidificação e estratificação em que se encontra a personagem. Isto, no tocante ao plano doméstico da personagem. No plano existencial, põe-se a luta interna do ser que, tendo desenvolvida em demasia, a vida no plano do espírito, cai na realidade de que é também um animal e como tal também cumpriria realizar-se. Do choque entre a vivência do espírito e as exigências da carne gera-se o conflito e daí a tentativa proustiana e impossível de recuperar o tempo perdido. O gran-

de drama reside aqui, do homem querendo chegar a ser puro espírito mas inapelavelmente preso à carne:

"Eu quero ser animal — que ilusão. Não podes ser animal. Ou espírito ou acabou-se, na velhice é assim. Escreve um tratado sobre a velhice. Que esgotadas as paixões, apagados os ardores, então o espírito finalmente livre. Escreve. Ou um grande volume sobre o fim das coisas e a grandiloquência trágica da noite — ó Deus. Eu queria ser animal. O autêntico" (p. 14).

O romance mostra que o homem, quando já viveu intensamente no plano do espírito descobre que as razões não subsistem e quando verifica as razões no tempo, não há mais tempo para se viver as razões. O tempo passou-se, é-se velho. Assim, o homem passa a vida toda (a sua vida toda) buscando as razões reais do ser e sua presença no mundo e acaba por verificar que os valores a viver são outros, diferentes do que viveu.

Temas como o do amor, da solidão, da dor, e da sua transcendência no plano da memória e da imaginação retornam, numa tentativa de superar o mero contingente da vida e das coisas:

"A imaginação. A memória. Tudo aí. Tenho de fechar os olhos, mas nem mesmo assim vejo bem". (p. 31)

A velhice, o pecado, a profanação do amor, a busca da última verdade, a comunicação, a necessidade de se ir fazendo as coisas, constituem outros tantos temas constantes no romance que se define na linha que poderíamos chamar de ensaística.

No plano do enredo, o romance estabelece as relações do narrador-protagonista, no plano de uma comunicação, eu diria, absoluta, em três sentidos: a que se desgastou, com a mulher, Helena e da qual se desistiu; a comunicação que é ainda tentada, com a filha Milinha (daqui deriva um aspecto importante: o choque de idéias no plano individual e por extensão, o de gerações) e a tentativa de renovação da comunicação (e de todo o entusiasmo da vida) no plano do espírito mas também erótico, com a jovem Hélia. Põe-se o desejo do homem maduro e já caminhando para a velhice, e que já passou por várias experiências, tentar conservar a juventude de espírito.

O nível do enredo, do acontecimento, faz-se acompanhar em toda linha de uma série de reflexões filosóficas sobre a comunicação, a solidão, a velhice, o amor, a verdade, a vida, a vivência erótica, mostrando que o romancista não desistiu de estar constantemente a crivar seus sentimentos e sensações, com a voz da razão.

Em nenhum dos seus romances anteriores, Vergílio Ferreira de-

envolveu com pormenores a análise da vida familiar (pai, marido, mulher, filha) focalizando a realidade doméstica e em certa altura, excluindo este mundo, em favor de um outro mundo, formado por uma mulher, Hélia, onde o romancista centra a possibilidade de novas emoções, no abandono da banalização da vida em comum, onde não pode haver o processo de renovação:

"Reinventar com a nossa mulher os jogos do amor — que ridículo. Reinventar os gestos, as palavras, a desmesura. Reinventar a imaginação — impossível. Está tudo dito, imaginado, está tudo feito." (p. 89).

Outra faceta de romance reside na preocupação com o tempo, construindo-o e reconstruindo-o num sentido unificador do destino do ser e numa altura que já se propõe um balanço só possível na maturidade ou quando se chega às portas da velhice:

"Creio que o que em nós morre não é o passado, mas o futuro e eu já não tenho futuro para morrer".

Mas, além das verdades no plano do tempo, muitas vezes o narrador se propõe a verdades definitivas e intemporais, o que dá a dimensão universal do romance em tela: e uma delas é a verdade do fim, superados todos os prazeres, sentimentos e idéias que iluminaram o ser:

"A última verdade da vida, aquela depois da qual já não há nenhuma, é estar rodeado de mortos, sem virilidade para fazer um vivo". (p. 46-47).

Apesar do destaque no plano técnico e contedúístico do romance, ao nível do sentir e do pensar do protagonista e narrador, ocorre a valorização das mulheres, na sua influência no plano da comunicação ou naquilo que se gastou ou no que ainda se pode gastar, fixado exemplarmente nas figuras de Helena, a esposa e Hélia, a outra, a primeira ilustrando o cotidiano, o comum, o conhecido, o que já cansou; a segunda, simbolizando a novidade, a seiva nova, a possibilidade de ressurreição. No centro das duas se coloca Milinha, a filha do narrador-protagonista, e que estabelecer um dos temas importantes da obra: o choque de idéias e de gerações, a não aceitação dos valores do pai, a busca de novos valores, centrada no gastar o prazer desmesuradamente:

"Mesmo na desordem tem de haver uma ordem, que ordem é a tua?
— Mas eu digo-te.
— Não quero saber — disse eu.

— Eu digo-te

Não quero. Digo só: tem de poupar-me o prazer, não o gastar de uma vez, não apanhar uma indigestão. Tem de entremear-se o prazer com o que não é para o fazer existir. Se o mundo fosse só azul, nem sequer existiria o azul." (p. 92).

A dimensão ensaística que percorre em toda a linha o romance, assinala uma rompimento e uma superação da vida meramente burguesa, das coisas estabelecidas e confirma um autor que não renuncia ao pensar, na busca de erguer sua verdade, por extensão a verdade do protagonista: a problemática da interrogação resposta, dentre outras se põe nesta dimensão:

"Porque à vida não dá para se perguntar muita coisa. Trazemos um pergunta, vamos-lhe dando as respostas que podemos. Vamos respondendo, a pergunta está às vezes esquecida entre papéis velhos, às vezes esperneando entre as respostas que julgamos responderam até estrangulação". (p. 60).

Aparece a filosofia da dinâmica da ação, a completar em toda a linha a necessidade do pensar, e o que se impõe então é o ir-se construindo, o que no fundo será uma maneira de esquecer do tempo, vencendo-o:

"E o fazer não é difícilimo, porque a vida é ir fazendo" (p. 114).

A linha ensaística, que completa a dimensão chamemos doméstica do romance, não se reduz a desenvolver problemas existenciais exclusivos do protagonista mas se estende às classes sociais:

"A questão não é a da agonia de uma classe, estamos todos em agonia e o dizerdes que é só da classe já é um sinal de agonia". (p. 11)

A dissolução da realidade já vivida num tempo de recuperação pela memória, por outro lado, apresentará o tema basilar de toda a experiência romanesca representada por *Rápida, a Sombra*, a transcendência dos sentimentos e das pessoas, na medida em que o contingente se estabeleceu como valor para a criatura, no tempo e no espaço:

"E uma saudade mais funda, uma instantânea dissolução de todas as razões

de existir. Então ergo-me sem me erguer, porque na imaginação é que é tudo. Ou na memória. As coisas transcendidas à pureza da sua verdade". (p. 85).

Outro aspecto não muito comum no romance anterior de Vergílio e que começou a acentuar-se no *Nítido Nulo* é a preocupação com notas de percuciente análise da psicologia feminina, já que em toda linha, desde *Aparição* enfatizou-se a presença de uma personagem masculina narradora em primeira pessoa (faz exceção *Cântico Final*, apenas na problemática do foco narrativo) e os problemas fundamentais centravam-se nesta personagem. Em *Rápida, a Sombra*, não só tem presença destacada a mulher como a visão em profundidade do "feminino":

"Toda a mulher espera que a desprezemos, é a minha teoria, sei tanta teoria. Com o desprezo implícito, a calma naturalidade. Não se pode valorizar nada, muito menos a mulher, para nos não desvalorizarmos a nós. É a lei do equilíbrio humano" (p. 101).

Finalmente, noutra direção (do pai com relação à filha) retoma-se um aspecto que sempre consideramos básico da obra romanesca de Vergílio Ferreira, o da comunicação, como processo de equacionar o ser no mundo através de crises e de tentativas de superá-las:

"Ela disse que há sempre crise nos outros, quando já os não entendemos. Eu disse que de qualquer modo. Ela disse que há sempre crise quando estamos envelhecendo e julgamos que o mundo também. Mas o mundo está sempre novo e quem envelhece somos nós." (p. 103).

É de notar-se ainda que Vergílio Ferreira continua no seu a-puramento de linguagem, atingindo aqui um rigor, no processo da pontuação ou da suspensão do pensamento, quando na verdade a mensagem já está completa. Ainda aqui, o romance operando numa linha de reconstrução do ser, do mundo e da linguagem. O que se poderá notar ainda, neste particular, é a diminuição do tonus poético da linguagem, que o romancista havia apresentado em *Aparição*, *Estrela Polar*, *Alegria Breve* e *Nítido Nulo*.

Uma música leve e longínqua percorre o romance, e envolvem o narrador-protagonista, e parece acentuar a arte a envolver constantemente o ser. Aliás, num momento pelo menos Vergílio Ferreira retoma a sua preocupação com a presença do ser no mundo

numa dimensão artística. É outra nota encontrável frequentemente em sua obra romanesca e em seu ensaio:

"Eu digo: sem arte, o homem não é homem. Enquanto se admitir que há homens, tem de se admitir que há Arte. Quero dizer, a sua necessidade." (p. 150).

Ao fim e ao cabo, é numa linha límpida de enredo, de fácil compreensão, que o romance discute (numa dimensão de balanço) problemas vitais do ser: o amor, a comunicação, a arte, o destino, a velhice, a psicologia feminina, o choque de gerações, o romance a refletir sobre o romance, a morte, o erotismo, o tempo, a não neutralidade político-social, a eternidade. Alia-se a isso a força narrativa e o enxugamento estilístico de Vergílio Ferreira, num constante aprimoramento. Livro ainda que numa altura da completa maturidade do romancista, nos apresenta a conquista de algumas verdades eternas do ser. Que mais se poderá dizer, da importância do ser como testemunho de si e de seu tempo?

Com tudo isso, *Rápida*, a *Sombra*, resolve-se como um romance de urgente e indispensável leitura aos que o exigem como imprescindível diálogo com o ser e com o tempo.

João Décio